

PREGÃO DE S. NICOLAU

Recitado pelo aluno do 5.º ano

António José de Araújo Alves de Sá

Outra vez, Guimarães, a tua Academia,
na Festa Secular da praxe e cortesia,
te vem trazer, folgando, a prenda dum sorriso.
— Não será certamente aberto o Paraíso
e anjinhos não serão os menestréis dos bombos...
— Sabemos muito bem que vai sofrer uns rombos
o teu sono tão grande que parece eterno!
Pragueja contra nós ao céu ou pelo inferno,
mas acorda de vez, não te espreguices tanto!...
— Dizem que tu és berço. E assim não causa espanto
que durmas facilmente, ao som de umas cantigas...
As nossas melodias, nobres, muito antigas,
saem do coração, ao som das maçanetas,
desafiando à vida os novos e os jarretas,
que já não tenham alma, nem a saibam ter.
— Mas esses ficarão no fundo inferno a arder,
porque a alma de estopa, ao fim da vida e ao cabo
apenas servirá de archote ao diabo!
— Velhos de Guimarães, olhai para o Sampaio.
Já lhe passou em cima o sol de muito Maio,
neve de muito Inverno e muito ardor de Estio,
mas nunca o coração lhe estremeceu de frio!
Aquilo sim, que é fevra antiga e bem curtida!
Sabe dar o calor da sua própria vida
à sua Guimarães e à Festa Nicolina!
— E' o nosso tambor-mor que, à frente, nos ensina
sem quebranto e sem pejo, ardente e sem arrufo,
como se marca o tom dum zabumbado rufo!

— Passa depressa o tempo, ó Mocidade inquieta!
E' uma sombra fugaz, que apenas se projecta
no fundo da saudade, a ser um óleo santo,
ungindo a nossa vida do mais puro encanto!
Temos no coração as laudas dum hinário...
— Talvez que um génio bom, amigo, extraordinário,
tenha gravado em nós, riquíssimas e puras,
altas trovas de Amor e à volta iluminuras,
bordando a toda a altura o sonho que as ditou.
— Nunca ninguém na vida impunemente amou
uma forma ideal, que a não fosse deixando
impressa no que sente e vai realizando...

E então, ó Mocidade, o teu empreendimento,
o calor do teu peito, a flor do teu talento
sejam por Guimarães, num culto manifesto!
— Dá-lhe o teu coração e o tratamento honesto
daquela fidalguia antiga, que de novo
seja orgulho e braço do seu fidalgo Povo!

— Académica graça, ardente ou mais subtil...
E' esse e tem de ser o espírito gentil
da Festa Nicolina! A geração moderna
assume a obrigação de conservar eterna
a chama que puseram sobre o seu altar.
E quem não queira ouvir e mesmo decorar
o que manda o preceito e a nobre Tradição
agarre sem tardar num forte martelão
e vá quebrar cascalho ao longo das valetas!
— Má raça presumida, inúteis paparretas,
prontinhos a alistar no rol dos cangalheiros.
Não dão nada sequer, nem para os farrapeiros!

— Guimarães, Guimarães, eu sei qual é teu mal!...

Perdoa tanto amor e deixa que os rapazes
te possam ofertar os cravos mais vivazes
de quanto ramilhete houver para te dar!
— Andam no teu passado aromas a lembrar
grinaldas dos Heróis, memórias seculares
de Santos e Poetas! Tens sobre os altares
as ofertas reais e de maior beleza,
que alguém votou e deu à Virgem Portuguesa!...
— Quando o luar inunda os panos das muralhas
e banha o teu Castelo em líquidas poalhas
parece aureolar, tornando transparente
O Passado que foi razão do teu Presente!
— Tudo te nimba de oiro, ao sol da Tradição,
mas não deixes perder nem mesmo um só botão
daquela roseiral de Graça que resume
a Honra do teu Nome e a unção do teu perfume!

Guimarães, Guimarães, que lástima não é
que deixes acabar a acrisolada fé
e em vez de proclamar as tuas louçainhas,
te ponhas ao soalheiro e até de cocorinhas,
como um velho já croco, zambro e mui pascácio.
— Pede a tua Justiça, mesmo sem Palácio!
Mais água já vais ter para lavar a pele.
Poderás tomar banho e bem precisas dele!
Há coisas por aí que são como escaracho:
— Vai a Santa Luzia e bota aquilo abaixo!

Em Escolas assim as almas pequeninas
ficarão bafientas, quase em ruínas,
como o mau pardieiro em que por força as metem!
— Os Paços do Concelho, esses, então, prometem
passar bem mais além das tais calendas gregas.
Ficarão de reserva as suas pedras negras,
para que em monumento Guimarães um dia
consagre a Indiferença ou mesmo a Cobardia...
O Vitória sem campo... A Penha sem transporte...
Oh, que bafo e mortalha de indizível morte
te vai ameaçando, se não vais reagindo!
— O Paço de Bragança é bom e muito lindo,
mas ainda se não pode entrar os seus umbrais.
— O parque do Castelo... E' bom nem falar mais
em tanta coisa triste e mal encaminhada!
Anda a nossa prosápia muito envinagrada.
Nossa tristeza é tal, que a gente nem sequer
sabe se é santo ou não o nosso S. Gualter!
(Cuidado com a história... E' grande e grave o risco,
se as armas a empregar forem de S. Francisco!...)
— O' malta do Liceu, e a nossa alta desgraça,
(Santinho Nicolau o bom milagre faça)
aquela que por vós e por mim mesmo sinto!?
— A gentê lá vai indo andando até ao Quinto,
à custa dos papás, do tempo e algum estudo.
... Mas os outros dois anos, nem por um canudo!!!
Com toda esta má sorte assim a perseguir
é melhor ir à bruxa ou mesmo desistir.
— Bem fazem da Cidade os «tesos» sinaleiros.
Se chove ou se faz sol, são logo os mais lampeiros
a fugir do seu posto, sem pudor nas «latas».
— Metem-se no Aristeu ou Casa das Gravatas!...

Eu quero-vos pedir, meninas recatadas,
um pequeno favor, um dos pequenos nadas,
que nos fará da vida um pouco o Paraíso:
— dai-nos mais a miude a esmola dum sorriso.
Em vez de morar lá, pertinho das estrelas,
ou passar o tempo ao cimo das janelas,
descei até à rua, vinde até cá abaixo.
— Eu nunca vi cidade em que haja tanto macho
e ausência sem igual das graças femeninas...
— Fazei este favor cerúleas, meninas!

* * *

Povo de Guimarães, herdeiro das virtudes
duma raça de heróis enérgicos e rudes,
que a toda a hora vão, por força do seu braço,
imprimindo na Terra o inextinguível traço
do Trabalho fecundo!

Povo do nosso Minho,
que pões à nossa mesa o pão e o alegre vinho!
Peleiros, mesterais, ó gente dos teares,
lançai à nossa volta os líricos cantares,
esquecei neste dia os campos e oficinas.
— São para vós também as Festas Nicolinas!

E vós, ó numeroso bando de andorinhas,
que sois desta cidade e nunca se despede,
vós, que fazeis lembrar as róseas cantarinhas,
junto à fonte a esperar, sorrindo a quem tem sede...
dai-me do vosso olhar o céu, que anda guardado,
para dar todo inteiro ao vosso namorado!
— Vinde, alegre promessa, almas de foutinegras,
acolher-vos no amor das nossas capas negras!
— Vamos fechar na roda, inteira, esta Cidade,
num bailado de Amor, de Sonho e Mocidade!!!

* * *

— Donas de Guimarães, de nobre e alta linhagem,
herdeiras, por direito, à nossa simpatia,
Vós, que sois o sorriso e a imaculada imagem
duma gesta de Amor e pura Fidalguia,

descei da enluarada torre de menagem,
do nimbadado fulgor da vossa Senhoria
e vinde receber o preito e a vassalagem
duma antiga, fiel e terna cortesia!

— Na Festa Nicolina andaram, com certeza,
ébrios de Mocidade, arautos de Beleza,
vossos Noivos gentis, os Pais, vossos Irmãos...

— Quero acabar meu Bando, erguendo o meu olhar
às santas que pusemos sobre o lindo altar
e a quem tomo num beijo as graciosas mãos.

Guimarães, 5 de Dezembro de 1950.

J. M. Pinto de Almeida.